

MARIA FEIO

ÁS MÃES DE TODOS

OS

HERÓIS DESCONHECIDOS

AMOR SUBLIME
CORACÕES DE MÃES

E

ESPADAS DE HEROIS



EDITADO NA
COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

SÊDE

SUCCURSAL

Rua da Bonvieta, 307—119, Rua do Almada, 123

PORTO — 1921

50 17774

A pedido de um grupo de senhoras protectoras desveladas da Assistencia — Crèche, deram o seu concurso monetario para a publicação deste folheto, de que se fez uma grande tiragem, os seguintes cavalheiros e senhoras :

Visconde de Carnaxide, illustre jurisconsulto e erudito escriptor.

Conde de Caría, Director do Banco Ultramarino.

Dr. Mario de Artagão, brasileiro e poeta illustre, autor do livro de versos "Psalterio."

Dr. Costa Lobo, catedratico em Coimbra e insigne astrologo de fama mundial.

Artur Cupertino de Miranda, Director da Casa Bancaria do Porto "Cupertino de Miranda e Irmãos".

Dr. Alfredo da Cunha, antigo director do *Diario de Noticias*.

Dr. Motta Marques, o notavel advogado de grande fama, do Porto.

Dr. Egas Moniz, o insigne especialista de doenças nervosas.

Dr. Antonio Fernandes, clinico distincto e associado do Instituto Electroterapico do Dr. Egas Moniz.

Candido Sotto-Maior, opulento financeiro e benemerito protector de todas as obras filantropicas.

Dr. Sebastião Feio, clinico distincto e especialista de doenças nervosas e siphiliticas. (Foz).

Francisco Perdigão, abalisado engenheiro hydraulico.

E das desveladas protectoras :

D. Silvia Ferreira Gonçalves.

D. Maria Manuela de Medeiros Mourão.

D. Albertina Ferreira Gonçalves Guimarães.

D. Elisa Baptista Pedroso (Carnaxide), insigne e celebre pianista de merecido renome.

D. Lucrecia de Arriaga, bondosissima esposa do primeiro e tão illustre Presidente da Republica, Dr. Manuel de Arriaga.

A Empreza Editora, faz tambem uma importante redução atendendo ao fim benemerito de que se trata.

MARIA FEIO



ÁS MÃES DE TODOS OS
HERÓIS DESCONHECIDOS

AMOR SUBLIME
CORAÇÕES DE MÃES
ESPADAS DE HERÓIS



EDITADO NA
COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

SÊDE

SUCCURSAL

Rua da Boavista, 307—119, Rua do Almada, 128

PORTO — 1921

COMPRA

R. 176060

S.º
17774



TYPOGRAPHIA COSTA & SILVA
— (Officinas movidas a electricidade) —
351, Rua da Boavista, 333 — PORTO.

Ó felizes da existencia
Que entre o gôzo e a opulencia
A alegria cultivaes;
Ha lá fora pequeninos
Com fome, rotos, franzinos
Dormindo sob os portaes.

ÀS MÃES

DOS

SOLDADOS DESCONHECIDOS

Elas aí vêm de longe cabeças brancas de neve, olhos tristes, maguados, labios ungidos de tristêsas, afrouxados de saudades, tanta vez desfranzidos em murmúrios de rezas doridas, gementes!...

Ai, a reza dorida das mães lacrimosas de tantos soldados desconhecidos que por lá ficaram na chacina de mocidades em flôr!...

Se falassem as estrelas que lucilavam no ceu ao caír do crepusculo, à hora da ceia que esperava o filho depois da faina das ceifas!...

Se os cravos e o manjerico da horta pudessem contar a fieira de lágrimas que os orvalharam prra se ostentarem viçosos quando

da volta daquele rapagão córado, espaduado, que era a luz dos seus olhos! Como êle se enfeitava, córado e forte, daqueles rubros cravos donairosos, aos domingos para agradar à namorada!...

O' fontes cantantes da herdade, ó pinhaes murmurantes da planura, ó trigaes de louçania tenra aveludando a terra em verdes penugens arrelvadas!...

O' brumas cinzentas de outonos tristes, luares de sonho e enternecimentos, prateados e virgílicos olivaes, vós é que sabeis toda a história amargurante dos queixumes daquele peito de mãe que com tanta ternura déra de mamar ao cachopinho gerado no seu ventre, e das saudades que afagaram em pranto aquelles olhos tão desvanecidos na graça do tenro corpito; e das duvidas, das incertezas, das ansiedades, dos desalentos que despedaçaram tantos corações de mães angustiadas, sempre à espera, sempre à espera, a murmurar entre rezas, e... Morreria?... Voltará?... E as palpebras lassas arroxeadas de tanto chorar, de tanto espreitar em vão os caminhos desertos, de aguardar a chegada dos combóios que silvam na curva da estrada num arfar resfolegante, num hausto de energia magestosa potente...

Mas... ó magua de Mãe, ó crucifica-

ções do calvario da ansiedade!... E passam os dias e as horas, esfumam tristezas na bruma nevoeirenta da duvida, diluindo-se na espiral dos pensamentos saudósos a desfalecer em agonias de dôr no luar triste dos pressa-gios!...

Ai que vaticinios clarividentes a estrangular-lhe o coração!...

E éle não voltou mais o seu arrimo, o seu cuidado, o seu affecto!...

Partira numa tarde nublada de melâncolias, muchila aos ômbros, as pernas fortes, masculosas, oprimidas nas botinas de marcha, espingarda e cartuchame pronto para matar o seu semelhante. E lá ia por aí além, passos marcados ao rusflar dos tambores, rosto tisonado pela soalheira dos longos e escravisantes exercicios, o olhar brilhante, inquieto sem poder volver-se para traz em derradeira despedida a tudo quanto de mais querido ia deixando! Aquela ordem de marcha inquisidôra que o não deixava mirar mais uma vez a terra onde lhe ficavam tantos pedaços de alma, a mãe amantíssima, a noiva do seu encanto, a ermidinha branca, a eira das desfolhadas, o rio de verdes margens, os vinhedos, os rouxinôes e as toutinegras!...

Parecia um automato a avançar em passo cadenciado ao som do cornetim estridulo como

se fôsse um espectro caminhando nos seus próprios funerais.

E uma noute a mãe teve uma visão telepática, um sonho horrível. Fuzilavam relâmpagos de ódio e de pólvora no campo horrendo da mortandade. O extermínio pulverisava corpos exuberantes da mocidade, revolvía glebas douradas de messes louras, triturava as frutas dos pomares; derrubava florestas umbrosas, cavava na gleba reproductôra sulcos que serviam de covais a montões de cadáveres, que lá ficavam empapados em sangue a apodrecer devorados pelos milhafres.

A féra humana rugía cóleras e fúrias de tigre, explodia em bramidos selvagens, em impetos irados que são o labéu, a desdita, o ludíbrio da humanidade fraticida...

Um estilhaço de ferro, amoldado pela mão dos homens para o officio sinistro da guerra, veio de longe ter com aquele rapagão córado e donairoso como se viesse da forja diabolica da morte que o ódio humano atíça em brazidos de vingança e cubiças desnaturadas.

E estilhaçou-lhe o coração que Deus lhe déra para viver e amar.

Depois... um estertor, uma agonia, um pestanejar de moribundo que envia o derradeiro suspiro para as bandas da sua aldeia e morre num lampejo de saudade e santificação,

cravando no ceu turbado de fumo e gazes mortais o olhar de herói desconhecido e mártir.

O ultimo gemido veio ecoar no coração da Mãe como um dobre de finados. Ela bem o ouviu!... E, aflita, em suores que gotejam sangue do coração, levantou-se no leito, estendeu os braços tremulos, quis cingir o corpo amado, quis ampara-lo ao cair por terra varado, exangue, arquejante e moribundo. Ai, não que o coração das mães adivinha... Ninguém é mais clarividente do que uma mãe, ninguém como elas vaticina e sente à distância o perigo que lhe destrói uma vida que andou nove meses a nutrir-se do seu sangue, a formar-se da sua carne, a alindar-se ao bafo do seu amor santíssimo.

Tanta canceira para o criar, tantos sacrificios para o lançar na lide do trabalho que seria o seu pão!... E foi para que lho matassem que o criou com tanto amor e sacrificio?... Mas... em vão estendeu os braços amantes para amparar no derradeiro alento o corpo agonisante.

Só abraçou o vacuo, a dôr, a saúde, a morte!...

Talvez abraçasse o espírito, talvez...

O corpo morreu sacrificado ao erro e à ambição, à vaidade e inconsciência das guerras.

Mas o espírito que na alma da mãe se formára, era talvez predestinado.

E ao apartar-se do corpo chacinado naquela arena sangrúenta de profanações, veio ter com a alma da mãe cingiu-a, e reencarnou no seu atribulado espírito para que nêle palpitassem as dôres dos corações de milhares de mães, *de maters-dolorosas* que são representadas por um grupo de mães, nos funerais dos Soldados desconhecidos.

E elas aí vão, cabeças brancas de neve, olhos tristes, maguados, lábios cerrados em tristeza, e almas em unção de lacrimosa saúde.

Que se passa na sua alma perante estas homenagens de morte?...

Que se passa?!...

Dizem-lhes que é belo dar os filhos pela Pátria, dizem-lhes que é sublime e nobre pela Pátria morrer.

Pedem-lhe a imolação do que de mais belo existe no seu ser, o amor de mãe, o coração capaz de se deixar matar para dar vida ao filho.

Contaram-lhe historias como a de Cornelia e de Veturia, de Porcia, de Filipa de Vilhena e de tantas outras mulheres célebres de quem a história conta rasgos de estoicismo que lhe déram nome de heroínas por dar à Pátria os

filhos que eram a carne da sua carne, o sangue do seu sangue, o amor do seu amor.

E ela curvou a cabeça e aceitou a corôa de gloria tecida de espinhos e amarguras, que lhe dizem ser o trofeu dos maternais heroismos.

Mas lá dentro do sacrario do seu peito de heroína humilde, a palpitar nas fibras dilaceradas do seu coração ansioso, uma voz íntima e secreta lhe segreda que os homens se enganam, que vivem em êrro aqueles que lhe foram buscar o filho que a mantinha, com o seu carinho e o seu braço, para o obrigarem a um exercício escravizante de recruta, dando-lhe lições de morte, de crueldade, preparando-o para a matança sinistra das guerras.

E' que ela, a mãe heróica fecundadora dos campos, vive em contacto com a terra, recebe as inspirações virginais e puras da natureza, que dá aos homens lições de caridade e de paz, interrompidas apenas de vez em quando por tempestades e raios para provar que a violencia é exterminadora, e que os ciclones devastam. Ah, a mãe heróica do soldado desconhecido bem sabe que as entranhas maternais da terra fartando de pão e de mimosas fructas os filhos de Deus que sôbre ela derrama fluídos de Amor e de Luz, se parece com ela, que é a imagem viva do seu ser onde o

filho ao nascer encontrou o seio uberrimo tal qual como o da terra, o leite de amor, tal qual como a seiva que a terra destila para dar sucos e aromas às árvores e às flores.

A terra mãe que era na teogonia do Oriente e da Grécia a Biblia que ensinava a venerar a mãe como divindade suprema do amôr, tem sido a Biblia em que o seu maravilhoso instincto decifra revelações de sublimes verdades.

Ela sentia a verdade ao surgir das alvoradas deslumbrantes que inundavam a terra de revérberos de luz. Ela respirou-a nos perfumes matinaes que lhe vivificavam a alma e o côrpo ao madrugar com o romper do dia para a labuta fecunda dos campos que dão pão e pomos de deleite.

Ela soletrou a verdade que manda que as creaturas sejam boas e pacíficas, no cristal dos arroios, na candura das boninas que matizam vales, no canto das cotovias que são as flores aladas do céu, no gorgoeio dos rouxinóis que são os poetas dos luares, nos bandos de pombas brancas que pairam no ar embalsamado de aromas, em doce idilio com as brisas suaves. Ela bem sabe folhear as páginas dessa Biblia ao ceifar as espigas da ceára, que será fartura, ao colher da oliveira sagrada a fruta que será luz e azeite, ao encher a arca

de pão, ao fiar o linho da lameira, ao mugir o leite das ovelhinhas mansas que pascem a relva que o sol creou como se fôra um halo da alma de Deus.

E' que esta mãe tem na sua alma a alma de Céres que simbolisa a terra que nos alenta, que nos vivifica, e nos ofêrta mil primores.

Céres, coroada de espigas, forte, victoriosa, é o principio divino da fecundidade terrestre, emanada do Criador, assim como a Mãe é a divindade do amôr consagrada na função da reprodução humana.

E a Mãe do Soldado desconhecido tem lá dentro do coração as sagradas particulas do espírito sublime de Céres que, num conceber de puros ideais, a faria erguer a fronte torturada e cercada de cabelos embranquecidos pelo sacrificio, para dizer aos que alimentam as ideias da guerra e proclamam os heroísmos da morte num cego engano do seu pátrio entusiásmo:

« Viveis em desdita eterna porque a guerra e as armas que matam, são o simbolo eterno da desventura humana.

« Enquanto as gentes do Mundo renegarem Cristo, desencadeando guerras, farão a guerra das guerras à sua própria felicidade, farão guerra a si mesmos convertidos em malféitores do mundo e dos seus destinos.

Não há riquêsa que perdure nem glória que dignifique, enquanto viér batisada de sangue e de dôr, de oprobrio e felonias que lançam irmãos contra irmãos. Séde puros, bons e generosos como a terra, em vez de a alcatifar de cadaveres e de a converter em charco de sangue. E então virá para vós a felicidade e a vitória de todos os ideais e aspirações de fraternidade e de Paz. . . .

E' esta a Biblia de amôr que levará no coração a Mãe glorificada do soldado desconhecido, ó multidões que a saudardes vibrantemente. São estas as palavras que ela quereria dizer-vos entre um soluço e uma prece pelo filho morto desenrolando o sentir do seu coração envolto num sudário de penas que só ela sabe sentir e abafar heroicamente. Ela é duas vezes heróica, ó multidões que a vereis passar de olhos marejados de unção porque deu o filho ao sacrifício de uma cruz que nunca será de redenção. E agora cala o que sente para que o amor da Pátria não afrouxe, para que desperte ao soar dos clarins militares que prestarão honras funebres aos anônimos Heróis de Flandres.

Ela segue o espírito guerreiro das multidões guerreiras.

Mas da sua alma em vibração com a do Heróe do seu amôr, irradiaram fluídos da

Eterna Luz e do Eterno Amôr que é Paz e que vieram como a alma dos astros alumiar e inspirar outras almas de mães, outras almas de mulheres que dizem o que ela não pôde dizer, e que espargem a essência de sentir que ela abafa no heróico e duas vezes sublime coração.

O' Mães dos soldados desconhecidos, há na Cidade Invicta do trabalho e da generosidade altruista, um grupo de mulheres que estão dentro de nosso coração, assim como vós estais dentro do seu sensível e piedoso coração. O seu sentimento de humanidade, o seu anelo de harmonia universal, floriram em veemente desejo de vos glorificar, de vos prestar uma homenagem comovente e enternecida de admiração e de ternura pelo vosso sacrifício. Essas mulheres são as fundadoras, as dirigentes e protectoras de uma obra de amor e altruismo, da Assistência — Crèche de Paranhos — que é um verdadeiro milagre de filantropia feminina.

Elas sentem e creem como vós que não é na guerra e na morte que está a salvação e a dignificação dos povos, mas antes no ideal de paz e fraternidade que se deve cultivar na

alma das crianças educando-as na virtude e no amor de Deus Criadôr do Universo. E elas criaram esse viveiro de existencias que serão no futuro parcelas de vidas sãdrias e uteis. Mas hão parcos os seus recursos e grandes as suas aspirações.

Lembrou-se quem estas paginas escreveu, de lhas aumentar na esperança de que em troca desta sentida homenagem prestada ao heroismo de tantas mães sacrificadas, a multidão oferecerá o seu obulo para que possa crescer dia a dia o numero das crenças protegidas e salvas da penuria.

Cada alma de creança cultivada para o Bem, será um soldado a mais nos exércitos do ideal pacifista, e um soldado a menos nas fileiras dos combates guerreiros.

Bemdito sejas ó amor sublime das Mães!

Foi ao sôpro desse amor que se criou o heroismo dos soldados heróis.

Depois, o coração dessas mães foi pela guerra convertido em sarcofago de dôres e de saúde. Mas elas ergueram os olhos para a Cruz onde foi crucificado Jesus Cristo tendo aos pés a alma da mater dolorosa envolvida no seu manto de dôr e de soledade.

E oraram ajoelhadas ante o altar da Pátria.

Sublimadas, e santificadas, iluminou-as a

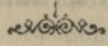
gloria da resignação e da renuncia divinizada no estoicismo da coragem máxima.

E agora é ainda um sôpro ternissimo desse amor que inspira o sentimento de outras piedosas almas de mulher, congraçando-as no grande amor da humanidade que vem na sua benção de maternal ternura proteger a Crèche dos pequeninos.

Bemdito sejas ó amor sublime das Mães, origem e beleza de todos os heroismos e de todas as virtudes humanas!

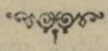


gloria da religião e da humanidade
 em estremo da coragem máximas
 e a morte é ainda um edo de
 amor que inspira o sentimento de
 gloria e a morte de máximas
 grande amor da humanidade que
 pouco de material e a grande
 dos pedras e a morte máximas



A venda dêste folheto reverte em benefício
 da Assistência — Crèche de Paranhos

— PORTO —



1777k
 50

**Recomendamos ás bôas mães
a leitura dos livros a seguir in-
dicados:**

Mulheres e Creanças, por D. Maria
Amalia Vaz de Carvalho.

Livro da Esposa;

Livro da Dona-de-Casa;

Livro da Mãe;

Livro da Educadora e

Problema da Felicidade, por Paulo
Combes.

Mulher na Familia e

Meus Segredos, pela Baroneza de
Staffe.

Mulher no Futuro, por Etienne Lamy.

À todos os bons portuguezes

Na Hora Incerta ou a Nossa Patria,
por Antonio Correia Oliveira:

Portugal que vos Falla.

Viriato Luzitano.

Auto do Berço.

O Santo Condestavel.

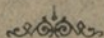
A Falla que Deus nos Deu.

A Nau Cathrineta.

À venda nas principaes livrarias:

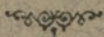
Pedidos á COMPANHIA PORTUGUEZA EDITORA

Rua da Boavista, 307—119, Rua do Almada, 123



A venda dêste folheto reverte em beneficio
da Assistência — Crèche de Paranhos

— PORTO —



Tendo este trabalho sido escrito e im-
presso no curto espaço de 24 horas,
ressente-se da precipitação com que
foi organizado.